

Oficinas de formação continuada: reflexões sobre o corpo na constituição do ser professor

Dayse Melo da Silva

Acadêmica do curso de Pedagogia e Colaboradora do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Psicologia Social-NUPEPSO

dayse_melodasilva@yahoo.com.br

Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS

Susana Inês Molon

Profª Drª do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento e Coordenadora do NUPEPSO

susanamolon@vetorial.net

Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS

Caroline da Silva Ança

Acadêmica do curso de Pedagogia Hab. Educação Infantil e Bolsista PIBIC/CNPq/FURG

carolinedasilvaanca@yahoo.com.br

Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS

Juliane de Oliveira Alves¹

Mestranda em Educação Ambiental e Colaboradora do NUPEPSO

jupedagogia@yahoo.com.br

Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS

Resumo

Este artigo pretende enfatizar as experiências vivenciadas por um grupo de professoras dos Anos Iniciais da Rede Municipal de Ensino da cidade do Rio Grande/RS, que participaram do curso de formação continuada "*Oficinas Estéticas: atividade criadora e prática pedagógica*". No presente texto será destacada a oficina intitulada: "*corpos que expressam sentimentos e constituem gênero*". O trabalho tem o intuito de refletir acerca dos sentimentos e signos que expressam e imprimem marcas do corpo, os quais contribuem para a constituição do ser professor e influenciam na sua prática pedagógica. A perspectiva teórica que fundamenta este estudo está baseada na abordagem sócio-histórica vinculada a alguns autores contemporâneos que discutem a questão da corporeidade. As oficinas foram analisadas com base na abordagem microgenética, que está inscrita numa interpretação histórico-cultural e semiótica dos processos humanos, analisando minuciosamente as interações sociais dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Os resultados evidenciam que a noção de corporeidade está vinculada aos corpos sem movimento, que precisam ser controlados e moldados, seguindo um padrão definido pela sociedade.

Palavras-chave: Corpo // Constituição do professor// Prática pedagógica// Formação continuada

¹ Mestranda em Educação Ambiental-Fundação Universidade Federal do Rio Grande e Colaboradora do NUPEPSO.jupedagogia@yahoo.com.br

Introdução

As experiências relatadas neste artigo fazem parte das observações realizadas em uma oficina estética de atividade criadora e prática pedagógica em um curso de formação continuada, oferecido a 20 professoras do ensino fundamental da rede municipal do Rio Grande. Esta oficina teve por objetivo fazer com que as educadoras percebessem que o corpo é uma expressão estética de cada sujeito, manifestada na sua trajetória por meio das diferentes formas de ser e estar no mundo e com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Argumenta-se que a maneira de perceber a questão da corporeidade contribui com o ser professor à medida que este pode refletir resgatar e ressignificar o seu papel enquanto sujeito capaz de criar e (re) inventar.

Nesta oficina, foi proposto às professoras que analisassem os cartazes confeccionados em uma oficina anterior² e destacassem nos mesmos a relação com o corpo e com a sexualidade. A oficina teve duração de 3 horas e ocorreu em dois locais. No primeiro momento no CFOP³ e no segundo momento na sala de esculturas do DLA⁴.

A análise dos cartazes foi concretizada em duplas e apresentada ao grande grupo. Posteriormente às professoras confeccionaram uma escultura de argila, com o intuito de expressar a percepção que cada uma tem do corpo, e destacaram para as demais como foi o processo de criação desse objeto e quais inquietações e sentimentos foram despertados no momento dessa atividade.

Para análise desta oficina foram feitas anotações e filmagens das falas e das atividades das professoras que serão relatadas no decorrer do texto.

Considerações Teóricas

A questão do corpo vem sendo nos últimos anos, alvo de muitas reflexões relacionadas a seu espaço dentro do âmbito escolar. Percebemos a preocupação de muitos autores, como por exemplo, (Foucault, 1987), (Iwanowicz, 1989), (Santin, 2000), (Louro, 1999) em discutir como o corpo e as temáticas relacionadas a ele são tratados por parte dos professores dentro das escolas. Inúmeras são as críticas dirigidas ao modo como os professores de anos iniciais utilizam a corporeidade para estabelecer as relações de poder e de disciplinamento por meio do ensinamento de gestos, sentimentos, gostos, modos de ver a si e aos outros.

É importante não esquecer, que o professor também possui um corpo e a percepção que ele tem do mesmo influencia diretamente na sua prática educativa, na maneira de se relacionar com o mundo e com as pessoas, além disso, esse professor passou por uma escola a qual contribuiu para a percepção de corpo que o constituiu ao longo do tempo.

Também aponta outra maneira de tratar o corpo na escola:

O corpo parece ter ficado fora da escola. Essa é, usualmente, a primeira impressão quando observamos as mais consagradas teorias educacionais ou os cursos de preparação docente. E talvez não nos

² A Oficina "Dando asas a imaginação: o lúdico como fonte de reflexão" teve o objetivo de resgatar as brincadeiras e jogos da infância para refletir sobre a formação estética do educador, com isso foi confeccionado um cartaz traçando um paralelo entre as brincadeiras que as professoras realizavam na infância e as atuais.

³ Centro de Formação e Orientação Pedagógica-FURG.

⁴ Departamento de Letras e Artes-FURG.

surpreendamos com isso, já que nossa formação no contexto filosófico do dualismo ocidental leva-nos a operar, em princípio, uma noção de separação entre corpo e mente [...] como se fôssemos espíritos "descorporificados". (Louro 2000)

É necessário ressaltar que o corpo nem sempre foi pensado no decorrer da história como algo estético, que imprime sentimentos, atitudes e emoções e incide sobre a criatividade, com exceção dos espartanos, os quais entendiam o mesmo como fonte de felicidade, prazer, beleza e por meio dos jogos olímpicos exaltam a corporeidade como o princípio da nossa existência. Para esse povo existimos porque temos um corpo.

De acordo com (Guilhermetti, 1990), na história da humanidade o corpo passou por diversas concepções. Entendido na Antigüidade pelos atenienses como algo que atrapalha na produção do conhecimento, uma vez que o corpo possui necessidades, desejos e limitações até se chegar à idade medieval, época da história em que o corpo era percebido como lugar do pecado, devendo ser controlado e punido como forma de rejeitar qualquer desejo que se originasse do mesmo.

Hoje em nossa sociedade capitalista pensamos o corpo como instrumento para o trabalho, necessitando ser disciplinado para produzir mais e melhor.

Estabelecemos, segundo (Iwanowicz 1989,), uma relação com o corpo que deixou de ser direta e ativa e isso influencia na maneira de perceber a questão corporal.

Hoje estamos mudando os nossos ambientes e produzindo através de outros recursos, que não são os corporais. Nesse aspecto, o que mais se valoriza na nossa vida é a nossa capacidade intelectual, cognitiva. Esta tendência no desenvolvimento do ser humano está nos afastando de usar o nosso corpo diretamente.

Da mesma forma, a maneira de experienciar a corporeidade está sendo deixada de lado e isso impede que o professor, em sala de aula, reconheça-se enquanto sujeito capaz de criar, fazendo com que os alunos não percebam a sua capacidade criativa e deixem de entender o corpo como possibilidade de contato desses sujeitos com o mundo e com os outros, tendo presente à importância dessa relação como algo ético e estético, bem como o entendimento do corpo como algo em movimento, que também aprende. Diante disso, (Iwanowicz, 1989) enfatiza que:

[...] estamos parando de usar o corpo. Parando de usá-lo efetivamente. Usamos o corpo para comer, para algumas relações sociais, um pouco para dançar, um pouco para trabalhar, um pouco para sentir prazer, mas estamos cada vez mais distantes da experiência corporal.

É importante ressaltar, que por muito tempo pensou-se que corpo e mente eram dissociados. A ciência baseada no pensamento cartesiano preocupou-se somente com os processos mentais, deixando de lado a questão da corporeidade como importante fator de aprendizado, criatividade, expressão de sentimentos, de atitudes, de emoções e identidades.

Apesar dos estudos da Psicologia e da Medicina deixarem um legado do corpo como algo patológico e da ciência moderna apontar o dualismo entre corpo e mente, hoje começamos a nos preocupar novamente a respeito de como o corpo sente e guarda sua vivência emocional e sensorial (Iwanowicz, 1989).

Nesse sentido, devemos considerar que somos constituídos historicamente, cada um com sua experiência de vida e marcas individuais, torna-se difícil lidar com as particularidades de cada um, mas é impossível desconsiderá-las. Necessitamos perceber os outros e outras que habitam em nós para agirmos e pensarmos o nosso corpo como espaço de porvir, de experiências de vida, de criação de novas possibilidades, uma vez que o corpo é uma construção social, não é simplesmente um elemento biológico, mas o produto de uma cultura que aproxima e diferencia as pessoas. 5

O corpo deve ser entendido como uma construção social e histórica e não apenas como algo biológico, definido pelas leis naturais e pela herança biológica. De acordo com essa afirmação (Daolio 1995) destaca que:

Ao se pensar o corpo, pode-se incorrer erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homens de nacionalidades diferentes apresentariam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças e das diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade inscreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é o corpo de maneiras variadas.

Percebemos que mesmo com todas as discussões realizadas em torno da corporeidade, ainda é entendida como aspecto predominantemente biológico. Deixamos de utilizar o nosso corpo como forma de vida e passamos a não saber nos relacionarmos com os outros seres humanos e com a natureza, esquecendo de pensar que o mesmo está vinculado à cultura e que o homem é um ser cultural, fruto e agente dessa cultura (Daolio, 1995). Ao desconsiderarmos o corpo como uma construção social o tornamos objeto de controle. O professor não trabalha em sala de aula a questão do prazer, da alegria proporcionada pelo corpo, porque muitas vezes nem ele percebeu que o seu corpo pode ser lugar de alegria, de prazer, de satisfação, de invenção. De acordo com (Daolio,1995) o controle da corporeidade inicia mesmo antes de nascermos, pois trazemos toda a bagagem da sociedade da qual fazemos parte.

No corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas, todos os valores de uma sociedade específica, por ele ser o meio de contato primário de cada indivíduo com o ambiente que o cerca. Mesmo antes de a criança falar, ela já traz no corpo alguns comportamentos sociais, como sorrir para determinadas brincadeiras, a forma de dormir, a necessidade de certo tempo de sono, a postura no colo. [...] o homem, por meio do corpo vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPORAÇÃO (a palavra é significativa).

Desse modo, não há como definir o corpo apenas geneticamente, uma vez que o mesmo é uma construção social que se modifica de acordo com os nossos hábitos e costumes e por meio dele se tenta estabelecer e consolidar relações de poder. Isso é percebido na escola, em que a mesma estabelece o que e como nós devemos aprender. O corpo não é visto como espaço de aprendizagem, mas de disciplinamento. A escola distribui o tempo e o espaço de cada indivíduo. Define a hora de brincar, de ir ao banheiro, de sentar, de sair,

⁵ Palestra "O corpo: pensando nos efeitos das práticas cotidianas", proferida no I Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: possibilidades e tendências-FURG, pela Prof^a Dr^a Nádia Geisa de Souza-UFRGS, no dia 29 de novembro de 2004.

no intuito de preparar os indivíduos para o mercado de trabalho e o professor, enquanto mediador do processo ensino-aprendizagem, reproduz essas práticas sociais, pois também tem na escola uma percepção de corpo como algo que deve ser controlado, não podendo estar em movimento nem manifestar suas emoções e desejos, pois o aprendizado, nessa concepção, se dá no silêncio e na disciplina. De acordo com (Foucault in Louro, 2000):

[...] é possível perceber inúmeras estratégias e técnicas para esquadrihar os corpos, para conhecê-los e escolarizá-los: para produzir gestos, posturas e movimentos educados, cristãos, civilizados, urbanizados, dóceis; para construir hábitos saudáveis, higiênicos, adequados, dignos.

Contudo, é necessário por meio de cursos de formação continuada, possibilitar aos professores um repensar acerca da questão da corporeidade, partindo de uma percepção e ressignificação de corpo, para assim enxergar o mesmo não como espaço de controle, mas como uma possibilidade de aprender novas formas de ver, de sentir e com isso preconizar práticas educativas que contribuam para a formação de um ser humano mais autônomo, em fim perceber o corpo não como veículo de aprendizado, mas como algo que também aprende. Essas são algumas reflexões que as oficinas de formação continuada tentaram resgatar no educador de anos iniciais, pois entendemos que o ensino fundamental assim como a educação infantil são os alicerces que possibilitam o ser humano tornar-se um sujeito responsável criticamente por suas decisões, fazendo da sua vida um encontro.

Para tanto, professor e aluno devem compreender que ao ensinar também aprendem e ao aprender também ensinam, uma vez que a educação, segundo os postulados vygotskyanos, contribui para a constituição do sujeito através das interações sociais, sendo assim, argumenta-se que a escola é uma instituição social que contribui com a concepção de corpo.

O espaço escolar com seus aparatos (professores/as, diretores/as, coordenadores/as pedagógicos/as, supervisores/as, as classes e cadeiras, bem como a disposição destes: o quadro negro: a arquitetura etc.), a família, a igreja, a cidade, as concepções de saúde e aprendizagem levadas a cabo pelas secretarias de saúde e de educação... Todas essas instâncias "trabalham" na produção de corpos, daquilo que somos como nos conhecemos como pessoas. (Santos, 2001).

Sentimentos, movimentos e emoções à luz da corporeidade

A oficina "corpos que expressam sentimentos e constituem gênero" foi a terceira realizada do curso de formação continuada oferecida pelo Nupeps⁶.

Este encontro foi dividido em dois momentos. No primeiro deles foi realizado um debate acerca das percepções de corpo, por parte das professoras presentes em cartazes que elas confeccionaram na oficina intitulada "Dando asas à imaginação: o lúdico como fonte de reflexão". No momento do debate percebemos que as falas das professoras giravam em torno da comparação entre as brincadeiras de sua época e as de hoje. Destacaremos

⁶ Núcleo de Pesquisa e Estudos em Psicologia Social da FURG.

aqui as falas que demonstram a noção de corpo por parte de algumas professoras no intuito de tentar compreender e refletir acerca das percepções de corporeidade.

Ao realizarem a discussão em duplas, a coordenada do curso pediu para que cada grupo fizesse uma exposição tentando perceber a questão do corpo presente nos cartazes.

Maria⁷: - Antes podia se desenvolver mais a questão do corpo, pois havia mais brincadeiras coletivas.

Lúcia: - Não havia preocupação com o perfeito. Hoje primeiro é o sexo para depois o amor! Meu filho sempre brincou com brinquedos prontos e hoje não sabe pular.

Suely: - Nós professoras percebemos isso na escola. As crianças não correm não pulam.

Fátima: - As crianças eram mais criativas! Antes a questão do corpo era mais trabalhada! Hoje há informação, mas o corpo não é trabalhado!

Suely: - Meninas só brincavam com meninas. Hoje há falta de cuidado. Não havia orientação, mas havia cuidado.

Maria: - Isso ocorre porque os pais estão fora do lar.

Nos relatos acima podemos perceber que várias falas emergiram, nem sempre articuladas, uma vez que estavam presentes no discurso das docentes relatos da oficina anterior. Entretanto, o debate girava em torno da idéia de que antes a questão da corporeidade era mais trabalhada, já que existiam brincadeiras coletivas de correr, de pular, enfim corporeidade nessas falas significava estar em movimento.

Quando perguntadas como percebem o movimento dos alunos em sala de aula uma professora respondeu:

Gigi: - São muitos agitados. Tenho 35 alunos e é muito difícil prender a atenção deles, é difícil fazer algo novo em sala de aula. A realidade sufoca a criatividade das crianças. Falta tempo e espaço.

Nesse depoimento podemos observar que ocorre uma contradição na maneira de como as professoras pensam a questão da corporeidade. Como vimos anteriormente, segundo as professoras, a questão da corporeidade era mais trabalhada no tempo de suas infâncias, pois o movimento estava presente no cotidiano dessas educadoras por meio das brincadeiras, as quais permitiam que o corpo permanecesse em constante atividade. Entretanto, o discurso acima, também nos faz refletir o quanto o corpo é pensado pelas docentes como veículo de aprendizado, em que a garantia deste se dá em detrimento de corpos estáticos e sem movimento, pois o movimento torna-se sinônimo de "agitação", sendo considerado um comportamento inadequado, inapropriado, que impede o aprendizado.

No segundo momento, as professoras deveriam, por meio da argila, confeccionar um objeto que expressasse o seu corpo e explicar o porque desse objeto:

Fátima: - Vi esse desenho em um quadro. Sempre imaginei a mulher assim. Com seus frutos, com seu valor. Numa parte a mulher articula, na outra é amiga. Fiz um boneco assexuado, Não sei fazer o sexo.

Adriana: - Não sei dizer porque fiz um homem.

Vavá: - Eu sei! Porque precisa de um!

Adriana: - Só o toque a palavra amiga de um homem faz falta!

Dani - Fiz um seio! Um homem pode até querer ser mulher, mas nunca terá mama! O seio é aconchego, pode ter até outro sentido (mulher objeto)!

Suely: - Lembrei da maternidade. Tenha muito carinho com os meus alunos!

⁷ Os nomes das professoras utilizados no texto são fictícios.

Maria: - As mãos e o nariz me chamam a atenção no corpo de outra pessoa. Gosto de ambas as mãos (homem e mulher)!

Suely: - Pensei em fazer uma figura humana. Um pouco índio, um pouco de sol, uma mistura de tudo! Uma figura inca parece!

Gigi: - Fiz um coração, mãos, braços que lembram abraço, carinho e doação aos alunos. Não sou muito carinhosa, mas procuro respeitar meus alunos. Tenho cuidado com as palavras! O coração é de qualquer um. É mais da mulher, a mulher expressa mais os sentimentos. A mulher é verdadeira com o amor aos filhos.

Andy: - Não prestei atenção. Acho que ambos amam o homem e a mulher. Sou amada pelo meu marido demais!

Laura: - Mulher nem sempre ama mais!

Nana: - Todos dois amam. Existem pais que são verdadeiras mães.

Vavá: - Fiz prova com um professor homossexual e não entregaria o meu filho para ele cuidar.

Mara: - Na 5ª série as crianças já começam a ter aula com professores homens. Conheço um professor que não leciona porque é homossexual.

Lúcia: - Acho que ele deveria se impor para lecionar!

A coordenadora interferiu questionando se os pais entregariam seus filhos a um professor homem .

Adriana: - Eu tenho preconceito!

Andy: - Não entregaria. A criança senta no colo!

Novamente a coordenadora indagou:

-O colo é feminino?

Neste momento, as professoras desviaram o diálogo, pontuando que o abuso por parte do homem é maior. A mulher para algumas é muito cobrada em termos de sexualidade, necessitando optar por ter filhos, por ter um companheiro.

Nana: - Fiz a bola e a boneca. Fiz pensando na feminilidade. Fiz os seios porque queria tê-los assim.

Vavá: - Fiz a boca porque é o nosso instrumento de trabalho. Falar é melhor do que escrever. Fiz os olhos, porque eles dizem muita "coisa". Fiz os olhos virarem sol, pois adoro dia de sol.

Nesse trecho dos diálogos é nítida a percepção de que o corpo é percebido como algo puramente biológico, já que as partes desse corpo são identificadas como representativas, ora do sexo feminino, ora do sexo masculino. O corpo não é percebido como uma construção cultural, em que as formas de percebê-lo e senti-lo são reinventadas, mas como algo que tem representações dadas *a priori*, por exemplo, o seio representa a mulher, o colo é considerado algo feminino, não em relação à sexualidade feminina, mas ao "sexo" biológico e anatômico que diz corresponde à mulher.

Ao mesmo tempo, notamos que há uma ambigüidade por parte das professoras, e alguns "pré-conceitos" em relação à corporeidade, como destacar que não entregariam seus filhos a um homem, porque a criança senta no colo, nos fazendo cogitar que o mesmo é parte do corpo da mulher e representa a mesma. Entretanto, pensam que o professor homossexual deve se impor para lecionar.

A coordenadora destacou que a nossa sexualidade está presente em todos os aspectos do nosso corpo, expressando sentimentos até mesmo em ser professora no dia-a-dia.

Pensamos que essa oficina trouxe-nos muitas reflexões, uma delas é perceber que a visão de corporeidade enfatizada por essas educadoras incide na maneira como elas se constituem enquanto educadoras e como

essas concepções trazem repercussões para a sua prática educativa, reafirmando os pressupostos veiculados nas teorias presentes nesse texto, que destacam que a aprendizagem é uma maneira de padronizar, moldar e permitir que os corpos sejam fabricados para reproduzir “corpos dóceis” que são submetidos à ideologia dominante, uma vez que o seu disciplinamento é interesse daqueles que dominam a sociedade da qual fazemos parte.

No final dessa oficina, muitas educadoras destacaram que essas atividades foram satisfatórias, isso demonstra que o movimento para elas é visto como algo que desperta o prazer, a alegria o entusiasmo. Isso nos faz questionar, porque então na escola o movimento dos alunos incomoda o professor e porque o aprendizado ainda é percebido como um processo que requer a estabilidade dos corpos?

Considerações Finais

As falas dessas professoras, como mencionamos anteriormente, evidenciam o quanto à corporeidade é percebida como um lugar de dominação e o quanto à aprendizagem está vinculada estritamente à permanência de corpos sem movimentos, com os desejos e atitudes controladas.

Além disso, as professoras consideram que questões como, criatividade, cooperação e até mesmo a sexualidade eram mais vivenciadas na época de suas infâncias e adolescências. Consideram a mulher como alguém que possui sentimentos, ama mais, cuida mais é mais cobrada nas questões que envolvem maternidade e matrimônio.

Diante disso, não há como desconsiderar que as concepções de mundo, de educação, de homem e nesse caso de corpo, interferem em nossas práticas pedagógicas e influenciam nas relações entre professor e aluno.

Entretanto, acreditamos que a educação é um processo de interação em que as relações permitem a identificação da cultura da qual fazemos parte por meio da internalização de ações, conceitos e modos de ser, que podem ser modificados, reinventados pelos sujeitos, sendo assim, não há como desconsiderar as experiências de vida das professoras, uma vez que o contexto em que viveram e vivem influenciaram e influenciam na maneira de perceber o processo ensino-aprendizagem, o seu corpo e o corpo do outro.

É necessário repensar nossas práticas educativas e considerar o corpo, como algo que também aprende, pois essa percepção proporciona ao educador uma nova maneira de tratar seus alunos considerando que estes possuem também suas especificidades e experiências de vida, uma vez que, de acordo com (Molon, 2003,):

A criança não chega à escola “nua”, ela traz consigo toda uma bagagem cultural e social do contexto na qual está inserida, a escola, portanto não deve ignorar essas aprendizagens, mas sim, ressignificar esses conceitos, possibilitando a organização dos conhecimentos e modos de funcionamento cognitivo e afetivo.

Nesse sentido, é necessário veicular, em cursos de formação inicial e continuada de professores, o trabalho com a corporeidade, no intuito de auxiliar o professor a se redescobrir e a descobrir o seu corpo, fazendo com que o mesmo possa efetivar práticas educativas que visem o entendimento das individualidades e peculiaridades de cada aluno e possibilite o respeito aos mesmos, contribuindo na construção de uma identidade corporal menos reprimida, controlada, deixando de enxergar o corpo como algo esquecido no processo ensino-aprendizagem. É extremamente importante o educador (re)inventar o corpo ético e estético.

Referências

- DAOLIO, J. 1995. A construção cultural do corpo humano. *In: Da cultura do corpo*. Campinas, Papirus, p.35-39.
- FOUCAULT, M. 1987. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1987. 7ª ed., 240 p.
- GUILHERMETTI, P. 1990. Do corpo medieval ao corpo moderno. *In: Revista Motrivivência*, nº3. Jan.1990, 16 p.
- IWANOWICZ, B. 1989. A imagem e a consciência do Corpo. *In: BRUHNS, H. (org.). Conversando sobre o corpo..* Campinas, Papirus, 3ª ed., p. 63-64
- LOURO, G. 2000. Corpo, escola e Identidade. *In: Educação e Realidade*. Porto Alegre, nº2, jul/dez, 60 p.
- LOURO, G. 1999. Pedagogias da Sexualidade. *In: O corpo bem educado*. Belo Horizonte, Autêntica, 120 p.
- MOLON, S. MOHSEN, F. e ALVES, J. 2003. Ser professor em uma reflexão Vygotskiana. *In: Revista Momento*. Rio Grande, Editora da Furg. 63 p.
- REGO, T. 1995. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ, Vozes. 131 p.
- SANTIN, S. 2000. O espaço do corpo na pedagogia escolar. *In: Seminário brasileiro em pedagogia do esporte*. Santa Maria, RS. 120 p.
- SANTOS, L. 2001. E o corpo ainda é pouco. *In: A. V. NETO e S. SCHIMIDT (orgs.), A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro, DP&, 80 p.
- SOUZA, N. 2000. Representações de corpo-Identidade em Histórias de vida. *In: Educação e Realidade*. Porto Alegre. nº2, jul/dez, 224 p.